

A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO EM AÇÕES EDUCATIVAS COM PRÉ-ESCOLARES E ESCOLARES NA ATENÇÃO BÁSICA

The nurse's activities in educational actions with preschoolers and schoolchildren in basic health care

Naira de Cassia Mendes¹
Eloá Rossoni²
Aline Hubner da Silva³

¹Especialista em Saúde Coletiva na modalidade de Residência Integrada em Saúde pela Escola de Saúde Pública, Brasil.

²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

³Mestranda em Clínica Odontológica pela Universidade de Passo Fundo, UPF, Brasil.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

RESUMO

Introdução: no Brasil, uma das atribuições dos (as) enfermeiros (as), no âmbito da atenção básica, é desenvolver ações de educação em saúde em diferentes ambientes, por meio da interação com indivíduos e populações, ajudando a construir hábitos saudáveis e, com isso, a reduzir riscos e agravos a que estes indivíduos se expõem cotidianamente. O ambiente escolar é entendido como um espaço privilegiado para práticas de promoção de saúde e de prevenção de agravos à saúde e de doenças. **Objetivo:** analisar as ações de educação em saúde desenvolvidas pelos profissionais graduados em enfermagem com

Recebido em: 27/11/2018
Aceito em: 10/02/2019

os pré-escolares e escolares na atenção básica. **Método:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca de dados nas bases eletrônicas da Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Base de Dados de Enfermagem (BDENF) ocorrida de março a abril de 2017. A análise dos dados foi orientada pela matriz do conhecimento. **Discussão:** o resultado encontrado mostra que as ações educativas desenvolvidas pelo(a) enfermeiro(a) contemplaram os pré-escolares e escolares de várias faixas etárias, e pautaram-se em metodologias construtivistas, abordando várias temáticas com técnicas participativas. **Conclusão:** conclui-se que a prática educativa se aprende no fazer diário do profissional, visto que a inserção nos serviços de atenção básica à saúde permite atividades intersetoriais e o estabelecimento de vínculos com a comunidade de um determinado território.

Palavras-chaves: Enfermagem. Atenção básica. Educação em Saúde. Escola.

ABSTRACT

Introduction: *in Brazil, one of the responsibilities of nurses in basic health care is to develop health education actions in different environments through interaction with individuals and populations, helping to build healthy habits and thereby reduce the risks and injuries to which these individuals are exposed in daily life. The school environment is understood as a privileged space for health promotion practices and for the prevention of diseases and injuries.* **Objective:** *the aim of this study is to analyze the actions of health education developed by nurse professionals of primary care in preschoolers and schoolchildren.* **Method:** *this is an integrative review of literature with data search in the electronic databases of Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) and in the Base de Dados de Enfermagem (BDENF): the search occurred from March to April 2017. The data analysis was guided by the knowledge matrix.* **Discussion:** *the results show the educational actions developed by nurses included pre-schoolers and schoolchildren of various age groups and were based on constructivist methodologies, addressing several themes with participatory techniques.* **Conclusion:** *the educational practice is learned in the daily work*

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

of the professional, whereas the insertion in the services of basic health care allows intersectoral activities and the establishment of ties with the community of a determined territory.

Keywords: *Nursing. Basic attention. Health Education. School*

INTRODUÇÃO

Na prática da atenção básica em saúde, uma das atribuições dos enfermeiros é de desenvolver ações de educação em saúde na unidade de saúde, na equipe, na comunidade, no domicílio, no trabalho em grupos de usuários/pacientes, nas escolas e nas associações comunitárias, promovendo a construção de hábitos saudáveis e a redução de riscos e agravos por meio da interação com indivíduos e populações (WITT, 2012).

A educação em saúde é uma prática que permeia o fazer de todos enfermeiros, independentemente de sua área de atuação, pois os mesmos são considerados agentes de informações, e a educação de pacientes/usuários é considerada um dos principais componentes do cuidado dispensados pelos mesmos. Um dos aspectos norteadores do fazer do enfermeiro é ensinar ao ser mediador nas ações educativas (BASTABLE, 2010; COSTA, 2012).

A formação do enfermeiro é fundamentada na Resolução CNE/CES nº 3, de 07 de novembro de 2000, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem, orientando mudanças no processo de formação do enfermeiro, de modo que a ênfase deixa de estar caracterizada pelo estudo da doença, aprendizagem e reprodução de técnicas e tarefas, passando a estar centrada no indivíduo de um modo holístico, humanizado e contextualizado, formando profissionais críticos, criativos e éticos para atuar na prática profissional (BRASIL, 2001).

A Atenção Básica de Saúde (ABS) possui a Estratégia de Saúde da Família (ESF), um modelo assistencial que se fundamenta no trabalho de equipes multiprofissionais, em um território adstrito e uma população limitada para desenvolver ações de saúde a partir do conhecimento da realidade local e das necessidades de sua população (BRASIL, 2012).

Dessa forma, a educação em saúde se destaca como uma estratégia de sensibilização dos usuários através de ações que enfoquem os aspectos de liberdade, autoridade, autonomia e independência, promovendo o autocuidado, a identidade individual, a dignidade e a responsabilidade, bem como a solidariedade e a responsabilidade

comunitária. Possui como objetivo levar o indivíduo a realizar suas possibilidades intrínsecas e, com isso, formar e desenvolver sua personalidade (BRASIL, 2007).

Dentro desta ótica, a ESF trabalha com a educação em saúde em suas ações no cotidiano da unidade nos grupos de hipertensos e diabéticos, de tabagismo e educação permanente da própria equipe. Dentro da comunidade, a ESF é responsável pelo Programa Saúde nas Escolas (PSE), instituído pelo Ministério da Saúde em 2007. Esse programa é o resultado do esforço do governo federal em unir a saúde e a educação com a finalidade de melhorar a qualidade de vida da população brasileira (BRASIL, 2011b, p. 6).

Assim, por meio de uma revisão integrativa da literatura, esta pesquisa tem como objetivo analisar as ações de educação em saúde desenvolvidas pelos profissionais de enfermagem com os pré-escolares e escolares na atenção básica, bem como mapear o público alvo mais contemplado com as ações educativas, identificar as temáticas abordadas e quais os recursos didáticos usados nas ações educativas e verificar quais as potencialidades e as dificuldades para o desenvolvimento de ações educativas.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo fundamenta-se em uma revisão rntegrativa da literatura, conceituada por Mendes *et al.*, (2008, p.759) como um “método que tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado”. Esse tipo de revisão, por ser resultado de um estudo fundamentado e uniforme, colabora para uma prática clínica de qualidade para a enfermagem.

A revisão integrativa deve seguir seis etapas bem definidas: 1- identificar o tema a ser estudado; 2- estabelecer critérios para inclusão e exclusão de estudos; 3- definir as informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4- avaliar os estudos incluídos na revisão integrativa; 5- interpretar os resultados e 6- apresentar a revisão/síntese do conhecimento (Mendes *et al.*, 2008, p.759).

Para iniciar a busca bibliográfica, identificou-se o objeto do estudo e delimitou-se a pergunta norteadora do estudo, que consiste em: quais são as ações de educação em saúde desenvolvidas pelos(as) enfermeiros(as) com os pré-escolares e escolares na atenção básica?

Com a definição da questão norteadora, foram estabelecidos critérios para inclusão e foram incluídos os artigos com resumos dis-

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

poníveis para *download* em português, artigos de pesquisa dentro da temática proposta e dentro do recorte temporal. Como critérios de exclusão foram considerados os artigos repetidos, artigos de revisão, teses e dissertações, resenhas, anais de congresso, editoriais. O recorte temporal para seleção dos artigos se deu a partir de 2007, tendo como marco a instituição do Programa Saúde na Escola.

A coleta dos dados foi realizada nos meses de março e abril de 2017, nas bases de dados eletrônicas da Literatura Latino-Americana e de Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a Base de Dados de Enfermagem (BDENF), com as seguintes palavras-chave: Enfermagem, Educação em Saúde e Escola.

Na busca bibliográfica, através das palavras-chave, foram encontrados 146 artigos- 76 estudos eram da LILACS e 70 da BDENF. Após aplicação dos critérios de inclusão/exclusão na base LILACS, foram excluídos 57 estudos, restando 19. Na BDENF foram excluídos 48 estudos, restando 22. Desses, através depois de uma leitura mais aprofundada, foram selecionados 19 artigos da LILACS e 06 da BDENF, somando 25 artigos para compor este estudo.

Com a identificação dos artigos que comporiam este estudo, foram definidas as informações que seriam extraídas dos mesmos por meio dos objetivos deste estudo. Assim, criou-se uma matriz do conhecimento, que é uma ferramenta desenvolvida por Ferenhof & Fernandes (2014) que se destina a extrair e organizar as informações dos artigos para analisá-las. A matriz do conhecimento foi organizada em forma de uma tabela estruturada com os seguintes enfoques: título do artigo, ano de publicação, objetivos, tipo de estudo, local da ação educativa que o profissional realizou, assuntos abordados, metodologias usadas, potencialidades e dificuldades das ações e principais resultados. Desta forma, os achados da matriz fundamentaram a análise e a interpretação dos resultados.

Este estudo se realizou exclusivamente nos bancos de dados, não havendo contato com seres humanos e, por isso, não necessitou de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ações educativas: Quando, onde, por quem e para quem?

A análise se deu a partir das informações sintetizadas e organizadas em uma matriz do conhecimento. Quanto ao ano de publicação,

observou-se que o ano de 2010 se destaca com 20% dos estudos, 2014 com 16% dos estudos, seguido de 12% em 2012 e 2015; na sequência vem 2008, 2009, 2011 e 2017, cada um com 8% dos estudos e, por fim, 2016 com 4% dos estudos.

Analisando as publicações de acordo com as regiões brasileiras, destaca-se a região nordeste, com 72% das publicações, seguida da região sudeste com 16% e a região sul com 12%. Do total das cinco regiões brasileiras, em apenas duas (norte e centro-oeste) não foram encontradas publicações no período avaliado.

Quanto ao tipo de publicação, observou-se que 48% dos estudos eram relatos de experiência, seguidos de 32% de estudos descritivo-exploratórios e 20% de pesquisa ação. Destes estudos, 68% foram realizados por acadêmicos de enfermagem e 32% por enfermeiras docentes de instituições de ensino superior.

Em sua maioria, os artigos mostraram o envolvimento do acadêmico e/ou do docente no planejamento e na execução das ações para os pré-escolares e escolares, mas não se tem relato de planejamento conjunto com a escola, com os profissionais das unidades de saúde, o que mostra que a intersetorialidade e a interprofissionalidade não estão acontecendo na prática dos profissionais envolvidos. Para esta análise, parte-se da compreensão de que uma ação intersetorial se dá pela parceria entre diferentes setores da sociedade, que existe na medida em que ambas as partes envolvidas trabalham juntas para atingir um objetivo comum, resultando em benefícios para todos. Assim, a intersetorialidade é uma condição fundamental para qualificar a atenção à saúde da população (BRASIL, 2009 b; GOMES & HORTA, 2010).

A interprofissionalidade, por sua vez, está relacionada à ideia de trabalho em equipe, “duas ou mais profissões aprendem juntas com e sobre as outras”, o que demonstra que há reflexão sobre o papel e sobre a contribuição de cada profissional na construção de conhecimentos e no atendimento compartilhado com troca de saberes e responsabilidades mútuas (BATISTA, 2012. p. 2).

Quanto ao local das ações educativas, a totalidade delas foram realizadas em escolas, sendo 88% das ações em escolas públicas, 8% em escolas particulares e 4% em escolas de educação especial. Os estudos de Monteiro & Bizzo (2015, p. 412) relataram a importância da aproximação entre escola e saúde, pelo entendimento de que a escola é um espaço com “potencialidade para atingir um grande número de indivíduos e, dado seu caráter educativo, ser efetivo na mudança de comportamentos e hábitos”. Os estudos apontam que este entendimento não é algo novo, pois teve início no período higienista, do século XX, que vigorava naquela época.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

Desde então, as políticas de saúde, assim como vários autores, entendem a escola como um espaço privilegiado para práticas de promoção de saúde e de prevenção de agravos à saúde e de doenças (BRASIL, 2011b, p. 6.; BRASIL, 2008; PESSALACIA et al., 2010).

As informações retiradas dos artigos selecionados relatam que a abrangência das ações é voltada aos estudantes, sem compreender integrantes da comunidade escolar (como professores, funcionários, pais de estudantes), tampouco relatam ações desenvolvidas nas unidades de saúde para os escolares. Essa situação leva a várias reflexões sobre as ações educativas serem pontuais e esporádicas, ocorrendo por vezes meramente para cumprir uma tarefa ou uma demanda da escola.

Quanto ao público alvo contemplado nas ações educativas, percebeu-se que 76% dos artigos tiveram como público alvo os escolares de ambos os sexos, na faixa etária entre 06 a 24 anos. O restante dos artigos (24%) se dividiu em ações educativas para escolares do sexo feminino, na faixa etária entre 10 a 19 anos (8%), escolares do sexo masculino, entre 12 e 16 anos (4%), escolares de ambos os sexos com deficiências auditivas entre 10 e 20 anos (4%) e os pré-escolares, de ambos os sexos, na faixa etária entre seis meses a sete anos incompletos (8%).

Todas as faixas etárias foram contempladas com ações educativas, mas nota-se que há pouca publicação sobre abordagens com pré-escolares e escolares com necessidades especiais (somente um artigo). Percebe-se também a divisão dos escolares de acordo com o sexo em alguns artigos. Tanto para a escola como para a saúde, ainda é um desafio abranger e trabalhar com as diferenças existentes entre os pré-escolares e escolares, sejam elas quais forem.

Ações Educativas: temas, metodologias e recursos

Ao analisar as temáticas mais abordadas, obteve-se um total de 17 assuntos nos 25 artigos selecionados, tendo como norteadora a ideia de promoção de saúde, referindo-se ao aumento da qualidade de vida, da saúde, do bem-estar e da prevenção de doenças. Dividiram-se as ações educativas em dois momentos: as ações que abordaram a promoção de saúde e as que abordaram a prevenção de doenças.

A promoção da saúde foi contemplada em 20 artigos, que tiveram ações educativas sobre temas como: conceitos de saúde e sistema de saúde, meio ambiente, lixo, cidadania, desigualdades sociais, hábitos de higiene e vestir, alimentação saudável, obesidade, práticas de ati-

vidade física, adolescência, sexualidade, saúde sexual e reprodutiva, diferenças de gênero, contracepção, gravidez na adolescência, conceito de risco, álcool, drogas e violências.

Na prevenção de doença, cinco artigos levaram informações aos escolares sobre as seguintes doenças: dengue, diarreia, gripe, hanseníase, hepatites B e C, desnutrição, parasitoses, sífilis, ISTs/HIV/AIDS, candidíase, gonorreia e clamídia.

Para a análise mais profunda das ações educativas, buscou-se identificar como elas foram realizadas, suas metodologias e os recursos didáticos necessários para o desenvolvimento das ações. Neste estudo foi identificado que em 4% dos artigos foi usada a metodologia tradicional ao utilizar palestras nas ações educativas. Contudo, 96% dos artigos empregaram as metodologias construtivistas, utilizando em suas ações várias técnicas pedagógicas.

Para a identificação dos recursos didáticos mais usados nas ações educativas, fez-se necessário conceituá-los, já que é uma área de conhecimento pertinente aos pedagogos. Entende-se por recursos didáticos “todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando a estimulação do aluno e a sua aproximação do conteúdo”. Esses materiais são divididos em recursos visuais, auditivos ou audiovisuais, ou seja, recursos que podem estimular o estudante por meio da percepção visual, auditiva ou ambas, simultaneamente (RAPOSO, 2009).

Nestes parâmetros, os recursos visuais mais usados foram: álbum seriado, cartazes, colagem, fotografias, imagens, panfletos, revistas, slides, pinturas e desenhos; já os auditivos usaram a música e leitura de histórias; nos audiovisuais destacam-se os vídeos. Usar vários recursos audiovisuais é uma excelente tática de ensino-aprendizagem, pois 83% do aprendizado é por meio da visão, 11% por meio da audição e o restante é dividido entre os outros sentidos (RAPOSO, 2009).

As ações educativas foram planejadas com metodologias construtivistas e usadas várias técnicas participativas, além do uso de muitos recursos audiovisuais. Logo, acredita-se que as ações educativas tenham sido dinâmicas, participativas e, portanto, colaboraram para a reflexão e a assimilação dos temas propostos.

Ações Educativas: potencialidades e dificuldades

Para os pré-escolares e escolares, as ações educativas com metodologias construtivistas e participativas como teatro, roda de conversa, música e entre outras, estimulam a livre participação dos mesmos dentro de um espaço em comum: a escola. Isso leva à promoção

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

de reflexões críticas sobre os assuntos abordados em que o aprendizado emerge dos próprios grupos, auxiliando na corresponsabilização pela sua saúde, que é um dos objetivos da educação em saúde (FREITAS, 2007; BESERRA *et al.*, 2017; BESERRA *et al.*, 2016; PEDROSA *et al.*, 2015; PINHEIRO *et al.*, 2015; MADUREIRA *et al.*, 2014; BRANDÃO NETO *et al.*, 2014; BRUM *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2010; ROSA & PEREIRA, 2010; TORRES *et al.*, 2010; BESERRA *et al.*, 2010; SILVA *et al.*, 2009; VASCONCELOS *et al.*, 2008; BESERRA *et al.*, 2008; BERNARDO *et al.*, 2017; SALUM & MONTEIRO, 2015).

Para os facilitadores, as práticas educativas fomentaram o uso de novos métodos de agir em saúde, possibilitaram o aprendizado mútuo entre escolares e facilitadores pela troca de saberes e a formação de vínculo entre os vários atores envolvidos, o que proporcionou crescimento acadêmico/profissional e pessoal (BERNARDO *et al.*, 2017; SALUM & MONTEIRO, 2015; AZEVEDO *et al.*, 2014; FERREIRA, 2012; BESERRA & ALVES, 2012; MAIA *et al.*, 2012; MACIEL *et al.*, 2010).

Ao elencar as dificuldades encontradas, observou-se, de forma geral, a falta de espaços adequados para as ações, de recursos financeiros, de recursos tecnológicos e metodológicos (SILVA *et al.*, 2009; SALUM & MONTEIRO, 2015; AZEVEDO *et al.*, 2014; ANDRADE *et al.*, 2014). Em relação aos escolares, as dificuldades encontradas estão relacionadas à adolescência, por ser uma fase de intensas mudanças, de experimentação e de exposição a situações de riscos. Ainda pelo fato de que o entendimento de risco pelos escolares é diferente das situações de risco reconhecidas e incluídas nas políticas de promoção à saúde (BESERRA & ALVES, 2012; RODRIGUES & JARDIM, 2012; SILVA *et al.*, 2010; MADUREIRA *et al.*, 2010; GOMES & MENDES, 2009).

Dentre as dificuldades relacionadas aos facilitadores, destaca-se o acúmulo de trabalho, serviços burocratizados, a rotatividade de profissionais nas equipes de saúde, além do despreparo de professores e enfermeiros (as) e/ou outros profissionais que participem destas atividades para abordar os assuntos a partir do contexto em que os pré-escolares e escolares estão inseridos. Entende-se que, apesar de ser reconhecida a importância da educação em saúde e ser prática inerente da profissão, falta formação pedagógica na prática da enfermagem (BRANDÃO NETO *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2009; FERREIRA, 2012; ANDRADE *et al.*, 2014; GOMES & MENDES, 2009).

Partindo dessas informações, entende-se que a formação da graduação em enfermagem não é suficiente para que o indivíduo desempenhe o papel de educador. Rodrigues & Sobrinho (2007) entendem “que a formação profissional centrada nos aspectos da assistência ao

paciente nem sempre possibilita conhecer com mais propriedade as especificidades do trabalho pedagógico”. Esta ideia é complementada por Gubert & Prado (2011), ao entenderem que deve haver investimento no desenvolvimento profissional do enfermeiro educador, “munindo-o assim de competências, estratégias e ferramentas que o conduzam a um trabalho mais integrado entre seus saberes científicos e pedagógicos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados permite identificar que os enfermeiros que atuam na atenção básica estão desenvolvendo ações educativas com os pré-escolares e escolares que pertencem ao território da unidade de saúde. Estas ações estão ocorrendo de modo isolado, somente com os pré-escolares e escolares, planejado pela enfermagem e tendo a escola como o único espaço favorável às ações.

Nos estudos examinados, o enfermeiro é o profissional da equipe mais envolvido no planejamento das ações educativas. O entendimento de comunidade escolar precisa ser repensado, tanto pela saúde quanto pela educação, e quiçá pela própria comunidade, assim como proporcionar aos pré-escolares e escolares um espaço mais atrativo nas unidades de saúde. Isto só será possível pela aproximação e interlocução desses três lócus de convivência e cuidado.

As ações educativas contemplaram todas as faixas etárias, proporcionando a aproximação dos escolares com várias temáticas e, para tanto, usaram técnicas participativas, além de muitos recursos audiovisuais, o que é indicado pelas metodologias construtivistas. Entende-se, por todo esse contexto, que entre os pré-escolares, escolares e os facilitadores houve troca de saberes que contribuiu para a autonomia dos escolares, bem como para o fortalecimento dos vínculos existentes.

As potencialidades e as dificuldades no desenvolvimento das ações educativas são semelhantes no território brasileiro, principalmente a falta de estrutura física e de recursos didáticos e metodológicos.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas em pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. D. F.; FARIAS, K. E. E.; ARAÚJO, G. H. et al. Promovendo Ações Educativas sobre Sífilis Entre Estudantes de uma Escola Pública: Relato de Experiência. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 157-160, 2014.

AZEVEDO, I. C.; VALE, L. D.; ARAÚJO, M. G. et al. Compartilhando saberes através da educação em saúde na escola: interfaces do estágio supervisionado em enfermagem. Relato de experiência. **R. Enferm. Cent. O. Min**, São João Del-Rei, v. 4, n. 1, p.1048-1056, 2014.

BASTABLE, S. B. **O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem**. Tradução Aline Copelli Vargas. 3ª Ed. Porto Alegre, RS: Artmed, p.688, 2010.

BATISTA, N. A. Educação Interprofissional em Saúde: Concepções e Práticas. **Caderno FNEPAS**, 2012; 2: Disponível em <<http://www.fnepas.org.br>>.

BERNARDO, F. M. S.; ROUBERTE, E. S. C.; LEAL, F. K. F. et al. Educação em saúde para aspectos nutricionais como forma de prevenir alterações cardiovasculares: relato de experiência. **Revenferm UFPE online**, Recife, v. 11, n. 2, p. 765-77, 2017.

BESERRA, E. P.; ALVES, M. D. S.; RIGOTTO, M. R. Percepção de adolescentes acerca da saúde ambiental: pesquisa-ação no espaço escolar. **Online braz. j. nurs**, Niterói, v. 9, n. 1. p. 1-10, 2010.

BESERRA, E. P.; ALVES, M. D. S. Enfermagem e saúde ambiental na escola. **Acta Paul Enferm**. São Paulo, v. 25, n. 5, p. 666-72, 2012.

BESERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N. C.; BARROSO, M. G. T. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis a partir das adolescentes. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 522-528, 2008.

BESERRA, E. P.; SOUSA, L. B.; ALVES, M. D. S. et al. Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida cuidar da higiene pessoal e se vestir. **Revenferm UFPE online**. Recife, v. 10, n. 5, p. 4311-7, 2016.

BESERRA, E. P.; SOUSA, L. B.; CARDOSO, V. P. et al. Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”. **RevFundCare Online**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 340-346, 2017.

BRANDÃO NETO, W.; SILVA, A. R. S.; ALMEIDA FILHO, A. J. et al. Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possi-

bilidade para a enfermagem no contexto escolar. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 195-201, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº 3, de 07 de novembro de 2001**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretoria de Programas de Educação em Saúde. **Educação em saúde: histórico, conceitos e propostas**. Brasília, DF, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, p. 110, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Instrutivo PSE**. Brasília, DF, p.46, 2011

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde na escola**. Brasília, DF, p.96, 2009.

BRUM, C. N.; ZUGE, S. S.; BRUM, N. A. et al. Educação preventiva com deficientes auditivos: desafio para profissionais da saúde e educação. **REAS [Internet]**; Cuiabá, v. 2, n. 2, p. 99-106, 2013.

COSTA, G. M.; FIGUEREDO, R. C.; RIBEIRO, M. S. A Importância do Enfermeiro Junto ao PSE nas Ações de Educação em Saúde em uma Escola Municipal de Gurupi **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína., TO, 2012. Disponível em: <<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/62/6.pdf>>.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. (2013). **Passo-a-passo para construção da Revisão Sistemática e Bibliometria**. Disponível em: <http://www.igci.com.br/artigos/passos_rsb.pdf>.

FERREIRA, A. G. N.; SOUSA, P. R. M.; GUBERT, F. A. et al. Cultura masculina e religiosidade na prevenção das DST/HIV/AIDS em adolescentes. **REME enferm.** Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 572-578, 2012.

FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, p.132, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>

GOMES, C. M.; HORTA, N. C. Promoção de saúde do adolescente em âmbito escolar. **Rev. APS**, Juiz de Fora, v. 13, n. 4, p. 486-499, 2010.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. **SALUSVITA**, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.

GOMES, V. L. O.; MENDES, F. R. P. Representações de adolescentes luso-brasileiros acerca do conceito de “risco”: subsídios para a atuação de enfermagem. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 688-94, 2009.

GUBERT, E.; PRADO, M. L. Desafios na prática pedagógica na educação profissional em enfermagem. *Rev. Eletr. Enf. [Internet]*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 285-95, 2011.

MACIEL, E. L. N.; OLIVEIRA, C. B.; FRECHIANI, J. M. et al. Projeto Aprendendo Saúde na Escola: a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 389-396, 2010.

MADUREIRA, L.; ROSA, M. I.; PEREIRA, J. D. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 100-105, 2010.

MAIA, E. R.; LIMA JÚNIOR, J. F.; PEREIRA, J. S. et al. Validação de metodologias ativas de ensino-aprendizagem na promoção da saúde alimentar infantil. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 79-88, 2012.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão Integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

MONTEIRO, P. H. N.; BIZZO, N. A saúde na escola: análise dos documentos de referência nos quarenta anos de obrigatoriedade dos programas de saúde, 1971-2011. *História, Ciências, Saúde – Manuais*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 411- 427, 2015.

PEDROSA, S. C.; COSTA, D. V. S.; CITÓ, C. O. M. et al. Educação em saúde com adolescentes acerca do uso de álcool e outras drogas. *Rev. enferm. cent. o. min.* Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 1535-1541, 2015.

PESSALACIA, J. D. R.; MENEZES, E. S.; MASSUIA, D. A. Vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. *Rev. Bioethikos*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 423-430, 2010.

PINHEIRO, M. G. C.; MEDEIROS, I. B. G.; MONTEIRO, A. I. et al. O enfermeiro e a temática da hanseníase no contexto escolar: relato de experiência. *J. res.: fundam. care. online*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2774-2780, 2015.

RAPOSO, C. A política de atenção integral à saúde do adolescente e jovem: uma perspectiva de garantia de direito à saúde? *Rev. da*

Faculdade de Serviço social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 6, n. 23, p. 117-138, 2009.

RODRIGUES, M. F.; JARDIM, D. P. Conhecimento e uso da contracepção de emergência na adolescência: contribuições para a enfermagem. **CogitareEnferm**, Curitiba, v. 17, n. 4, p. 724-729, 2012.

RODRIGUES, M. T. P.; MENDES SOBRINHO, J. A. C. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev. BrasEnferm**, Brasília, v. 59, n. 3, p. 456-9, 2007.

SALUM, G. B.; MONTEIRO, L. A. S. Educação em saúde para adolescentes na escola: um relato de experiência. **Rev. Min. Enferm**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 246-251, 2015.

SILVA, K. L.; DIAS, F. L. A.; VIEIRA, N. F. C. et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Esc Anna Nery (impr.)**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 605-610, 2010.

SILVA, K. L.; SOBREIRA, T. T.; IZIDORO, I. F. R. V. Métodos contraceptivos: estratégia educativa com adolescentes. **Rev. RENE**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 145-151, 2010.

TORRES, C. A.; BARBOSA, S. M.; PINHEIRO, P. N. C. et al. A saúde e a educação popular com adolescentes. **Rev. RENE**, Fortaleza, v. 11, n. 4, p. 47-56, 2010.

VASCONCELOS, V. M.; VALDÊS, M. T. M.; FROTA, M. A. et al. Educação em saúde na escola: estratégia em enfermagem na prevenção da desnutrição infantil. **Ciênc. cuid. saúde**, Maringá, v. 7, n. 3, p. 355-362, 2008.

WITT, R. R. **Competências da enfermeira na atenção básica**: contribuição à construção das funções essenciais de saúde pública. 2005. 336 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Departamento de enfermagem materno infantil e saúde pública, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

MENDES, Naira de Cassia, ROSSONI, Eloá e SILVA, Aline Hubner da. A atuação do enfermeiro em ações educativas com pré-escolares e escolares na atenção básica. **SALUSVITA**, Bauru, v. 38, n. 1, p. 225-238, 2019.